

HÉLAS!

*Derivar por paixões várias, até a alma
Ser lira em cujas cordas tangem ventos:
Para isto abdiquei, em modo displicente,
De meu saber antigo, a minha austera calma?
A minha vida é um confuso palimpsesto,
Em que um moço anotou, em tempo de lazer,
Ligeiras cançonetas pra danças de prazer,
Obstando ao segredo que tudo reveste.
Houve por certo um tempo em que pude pisar
Cumes de Sol, e desta vida de atrito
Soltar um claro acorde para Deus escutar.
Morreu tal tempo? Oh! Tão-só me coube o lance
De jogar triste vara ao favo do romance?
E devo eu perder a herança de um espírito?*

SONETO À LIBERDADE

Não que eu ame, de olhos baços, tuas crias,
Não vendo nada além da própria dor sem graça.
Sem nada que saber, sem que isso as embarace.
É só que ouço rugir tuas Democracias,
E os reinos do Terror, as tuas Anarquias,
Espelham como um mar minhas paixões iradas
E irmanam minha raiva — ó Liberdade!
Por isso, só teus gritos de desarmonia
Agradam ao pudor de minha alma; no mais,
Podem os reis roubar direitos às nações
Com cnutes vingativos, sangrentos canhões,
Que eu permaneço impávido; mas é verdade:
Esses Cristos, estendidos sobre as barricadas,
Sabe Deus que em certas coisas são-me iguais.

A MILTON

Milton! Creio que tua alma se evolou
Destas altas ameias, dos brancos escarpados;
 E nosso iridescente mundo variegado
Parece que em pardas cinzas se apagou,
E a era se mudou em triste pantomina
 Em que gastamos nossas horas tão pequenas;
 E apesar da pompa, do poder, das cenas,
Da terra vulgar todos somos inquilinos.
Posto que a ilha que pisamos, tão exígua,
 Esta Inglaterra, sobre o mar como um leão,
 É penhorada por sofistas imbecis
Que a não amam; Deus meu! Será este o país
 Que teve um triplo império em sua mão
 Quando Cromwell deu a voz: Democracia!

LUÍS NAPOLEÃO

Águia d’Austerlitz! Onde estavam tuas asas
Quando lá longe, numa costa estrangeira,
Em luta desigual, por mão extraviada
Falhou à monarquia o membro derradeiro!

Pobre rapaz! Que não terás um rubro manto
Ou triunfal hás-de marchar sobre Paris,
Líder das tropas regressadas; ao invés
Livre e republicana, a tua mãe, a França,

Negando-te a coroa, em tua frente morta
Deporá os melhores louros de um soldado,
Para que tua alma sem desonra vá
Dizer ao soberano Pai de tua corte

Que a França já beijou na boca a Liberdade,
E esta era mais doce que o antigo favo,
E a imparável vaga da Democracia
Rompe nas praias onde Reis se aquartelavam.

LIBERTATIS SACRA FAMES

Embora seja filho da democracia
E a República seja para mim o bem
De cada um poder ser Rei, sem que ninguém
Tenha assento sobre os pares, todavia,
Malgrado este moderno afã de Liberdade,
Melhor é quando Um só governa, e outros seguem,
Do que deixar que falsos oradores deneguem
Sermos livres, por sua anárquica vontade.
Não gosto, pois, daqueles cujas mãos corruptas
Arvoram sobre a turba imensa panos rubros
Sob cujo ignaro mando, sem justiça,
A Arte e a Honra e a Cultura se sepultam;
Só resta a Traição, com gládio de cobiça,
E o Assassino com seus pés de sangue mudos.